

**SOCIEDADE FAMÍLIA****ENTREVISTA****Margaux Fragoso**

“Os pais precisam ser fortes”

A escritora que sofreu abuso diz que vítima de pedofilia não deve ser tratada de forma diferente

Leticia Sorg

**A** AMERICANA MARGAUX FRAGOSO TINHA 7 ANOS QUANDO foi com a mãe a uma piscina pública de Union City, Nova Jersey, e encontrou Peter Curran (nome fictício), de 51 anos. Ele tinha cabelos loiros, alguns fios já grisalhos, cortados em cuia como um beatle, e brincava na água com os dois enteados. Quando ela perguntou se poderia se juntar ao grupo, Margaux não imaginaria que aquele homem era um pedófilo que abusaria dela nos próximos dez anos de sua vida. Quando ela cresceu, e o envolvimento acabou, Peter, atormentado, se suicidou. Foi o estopim para que Margaux, já adulta, decidisse falar sobre o abuso. Em *Tigre, tigre*, a escritora de 32 anos retrata a natureza complexa de seu vínculo com o agressor e a falta de apoio da sua família. O pai, rígido demais, e a mãe, com problemas psiquiátricos, foram incapazes de quebrar o segredo que acaba facilitando a violência. Nesta entrevista, concedida por e-mail, Margaux reflete sobre as sequelas da pedofilia e o papel dos pais na proteção dos filhos.

**ÉPOCA** - No fim da vida, Peter Curran sugeriu que você escrevesse sobre a proximidade que tiveram.

**Como você encarou esse pedido?**

**Margaux Fragoso** - Não da forma como ele queria. Ele sempre tentou controlar o que eu escrevia, insistindo para que eu falasse apenas dos momentos felizes. O livro desafia o desejo dele. Se fosse possível conversar com quem já deixou este mundo, eu pediria a Peter para ler *Tigre, tigre*. Na margem do exemplar, escreveria uma frase de James Baldwin: “Quando um livro é publicado, ele pode machucá-lo – mas, para que eu possa machucá-lo, o livro precisa me machucar primeiro. Eu só posso lhe dizer sobre você tanto quanto consigo enfrentar sobre mim mesmo”.

**ÉPOCA** - Em várias passagens do livro, você conta que se considerava impura, uma espécie de prostituta juvenil. Quando

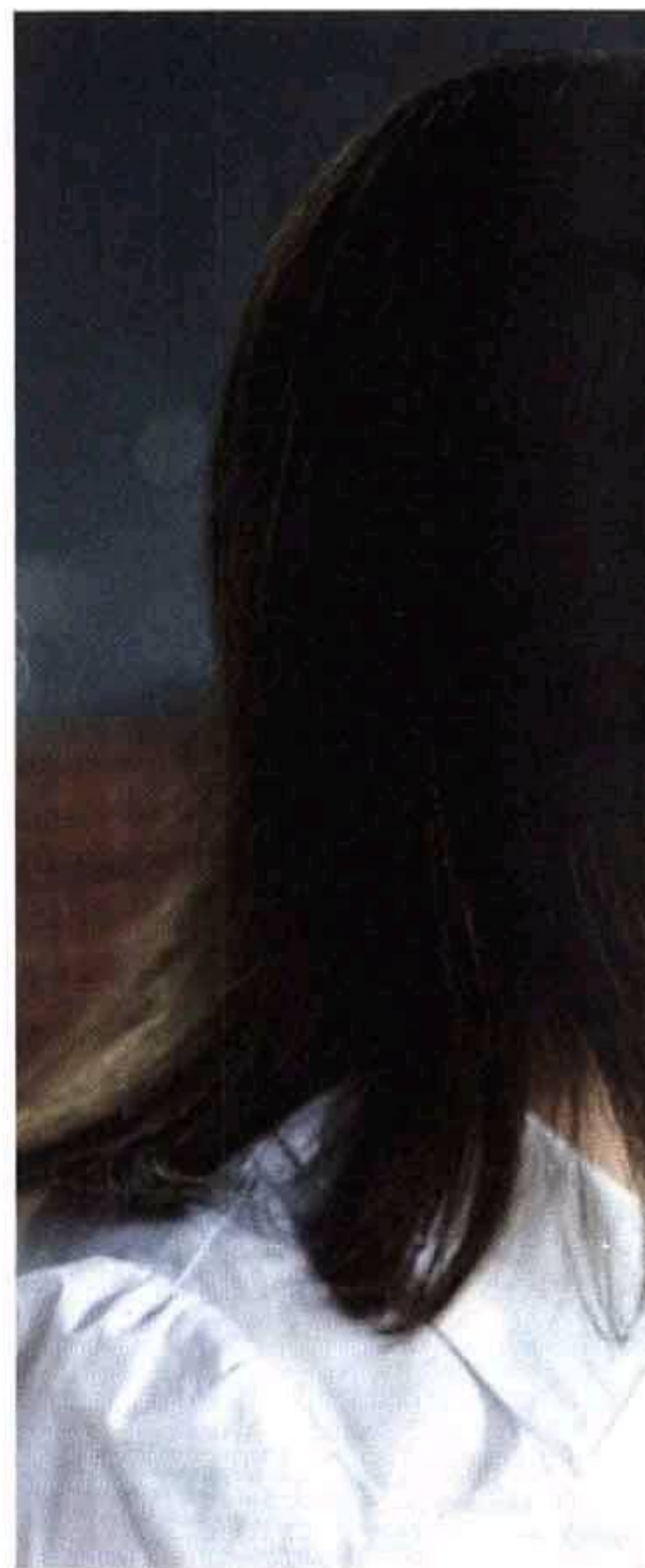
“ESCUTEI PAIS, INCLUINDO O MEU, DIZEREM COISAS COMO 'PREFIRO QUE MINHA FILHA MORRA A QUE SEJA MOLESTADA'. MAS ABUSO SEXUAL TEM TRATAMENTO”

se deu conta de que era a vítima de um crime - e não a culpada por ele?

**Margaux** - Tenho consciência agora de que a culpa não foi minha e, por isso, não tenho mais vergonha. Hoje sei por que as crianças raramente denunciam seus agressores: porque há uma mensagem subliminar na sociedade de que o mensageiro será morto. Você será visto como um bem danificado ou, então, será julgado culpado de alguma maneira. Por que, então, não manter o segredo em vez de enfrentar o desprezo?

**ÉPOCA** - Como os pais devem reagir quando descobrem que um filho foi molestado?

**Margaux** - É importante que os pais tratem uma criança que foi abusada exatamente da mesma maneira que tratavam antes. Não tratem como se ela estivesse arruinada. Escutei pais, incluindo o meu, dizerem coisas como “Prefiro que minha filha morra a que seja molestada”.







#### QUEM É

Margaux Frago nasceu em 1979 em Nova Jersey. Formada em inglês e escrita criativa pela Universidade Binghamton, mora com o marido e a filha em Nova Orleans

#### O QUE PUBLICOU

*Tigre, tigre* (Rocco, 2011), que retrata o abuso sexual que sofreu dos 7 aos 17 anos. Gerou críticas por suas descrições detalhadas e chocantes, baseadas nos diários da própria autora



da. É a pior coisa que pode acontecer”. Minha resposta para isso é: abuso sexual tem tratamento. Não é terminal. Pelo amor de Deus, todos precisamos parar de ser histéricos para que a criança possa de fato se recuperar. Muitos pais agem como se nunca fossem conseguir lidar com a situação se soubessem que seus filhos foram molestados. Por favor, lidem com isso, vocês são adultos. Se conseguirem, seus filhos conseguirão. Não passe sua vergonha para seu filho.

**ÉPOCA** - A cultura latina tradicional de seu pai, e de grande parte da população brasileira, dá uma grande importância à virgindade e à honra. Essa cultura dificulta lidar com a pedofilia?

**Margaux** - Sim, é pior quando se pensa que a honra é baseada na virgindade. Quando se vem de um contexto cultural como esse, toma-se o código de honra como verdade divina. Tive de aprender que o verdadeiro código de honra é seguir uma ética que promova a harmonia social e a saúde, o que não tem nada a ver com “pureza” sexual.

**ÉPOCA** - Você descobriu que o próprio Peter havia sido abusado na infância - um traço comum entre pedófilos. Descobriu que sua mãe também fora uma vítima na infância - o que é comum entre as famílias de vítimas. Por que isso acontece?

**Margaux** - O trauma pode ser passado de geração em geração. Minha tia e minha mãe sofreram abuso sexual, e minha mãe não lidou com aquilo. Por isso, ela não foi capaz de entender o que Peter estava fazendo comigo e impedi-lo. Segundo as estatísticas, mulheres que foram abusadas sexualmente têm mais chance de ter filhos vítimas de abuso. É tão doloroso acreditar que o ciclo traumático esteja se repetindo que as mães podem se recusar a ver o que está acontecendo. Se o mesmo acontecer com minha filha, não terei enfrentar o problema. Protegi minha mãe de saber da realidade do abuso por todos aqueles anos. Não quero que minha filha me proteja mantendo segredos.

**ÉPOCA** - Você recebeu críticas por descrever, em seu livro, cenas fortes de abuso sexual e supostamente glamorizar a pedofilia. Como você encara isso?

**Margaux** - Toda vez que se tenta dizer algo novo é preciso encarar a resistên-

cia dos mitos culturais. Como Boris Cyrulnik, um especialista no estudo dos traumas, diz, “Nós (como uma cultura) desconfiamos da mentira e tentamos reprimi-la, mas amamos os mitos e não queremos nada além de nos rendermos a eles”. O mito é de que uma criança nunca poderia nutrir sentimentos de amor e afeição pelo seu agressor. E é esse mito que eu quero destruir. É comum as crianças terem relações próximas com seus agressores. Os pedófilos podem entrar na vida de uma criança e satisfazer a necessidade dela de afeto quando sua família falha. As relações de longo prazo são provavelmente mais comuns do que se imagina. É raro as pessoas falarem sobre isso em público porque, se o fazem, elas veem seus sentimentos pessoais atacados.

**ÉPOCA** - Você diz que o segredo torna possível a pedofilia. Como os pais podem ajudar as crianças a quebrar esse mundo de sigilo?

**Margaux** - Deixando nossos filhos à vontade para nos contar qualquer coisa. Nós, pais, precisamos enfrentar as coisas que mais nos perturbam, porque aí mostramos a nossos filhos que eles podem nos dizer tudo. Em geral, crianças que sofrem abuso - e eu falei com outras vítimas - sentem que precisam proteger os adultos, porque acham que eles não conseguirão lidar com a informação. Com isso, o fardo é colocado nos ombros de crianças muito novas, que são capazes de sentir nosso desconforto e perturbação e tentam nos blindar. Devemos a nossos filhos ser fortes e enfrentar o que achamos que não podemos.

**ÉPOCA** - Você diria que superou completamente o trauma do abuso?

**Margaux** - É impossível superar o abuso como se ele nunca tivesse acontecido. Há sempre uma parte ferida que pode doer, mas tento não deixar meu passado definir quem eu sou. Normalmente, não me vejo como uma vítima da pedofilia. Se, numa situação, dizer que eu sobrevivi ao abuso serve a um bom propósito, uso essa identidade temporariamente. Você precisa ver o que aconteceu, olhar nos olhos do monstro e encará-lo como ele é. Se você correr, ele o segue. Se o encara, ele enfraquece. O caos é o vazio, e a tragédia é a ausência de significado. As palavras e as histórias são nossa defesa contra os dois. ◆